

ENSINO POLITÉCNICO

Instituto Politécnico - motor de desenvolvimento

A exemplo de várias cidades do interior, Castelo Branco também tem o seu Instituto Politécnico, que presentemente engloba a Escola Superior de Educação e a Escola Superior Agrária. Ao todo, são cerca de 300 alunos que frequentam dois estabelecimentos de ensino directamente vocacionados para potenciar as aptidões locais, numa ligação à comunidade que é de registar, assumindo-se, pois, como «motor» do desenvolvimento regional.

O professor Virgílio Pinto de Andrade é o presidente da Comissão Instaladora do Instituto Politécnico, cargo que acumula com idênticas funções na Comissão Instaladora da Escola Superior Agrária. Um transmontano que veio até às terras do centro em comissão de serviço, depois de ajudar a «fazer» o IUTAD, hoje Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

O Instituto Politécnico de Castelo Branco foi criado pelo Decreto-Lei 513 L, de Dezembro de 1979. Desde então tem vivido em fase de instalação, período que «tem vindo a ser prorrogado, por ainda não estarem satisfeitos todos os requisitos legais». Mas em Dezembro deste ano a «instalação» acabará mesmo, o que aliás é perfeitamente exequível.

Instalações definitivas dentro de três anos

Problema que desde logo se põe quando se cria um qualquer centro de ensino superior é o das instalações. Naturalmente, não se cria de um dia para o outro, mas a qualidade de ensino não se deve ressentir do facto.

No caso de Castelo Branco, a Escola Superior de Educação já tem instalações definitivas, num moderno edifício de apenas um piso. Mais difícil, naturalmente, é o problema da Escola Superior Agrária, pois aí as necessidades são bem mais específicas.

«A Escola Superior de Educação arrancou ainda antes de haver Comissão Instaladora, e

o edifício ficou concluído em Outubro de 1985. Relativamente à Escola Superior Agrária, começamos por adquirir a quinta (que agora atinge 188 ha) e recuperar as construções aí existentes. De raiz, ainda construímos algumas edificações, nomeadamente um laboratório, uma vacaria, um oval e oficinas. Neste momento, já arrancaram as obras de construção das instalações definitivas. O prazo do contrato é de 300 dias e custarão cerca de meio milhão de contos», disse-nos o professor Virgílio de Andrade.

Cursos ministrados

Naturalmente, os «numerus clausus» para os cursos ministrados são ainda bastante rígidos, por manifesta incapacidade de albergar mais alunos. De resto, os já existentes levantam problemas logísticos difíceis de solucionar, como sejam os de alojamento e alimentação. Problemas comuns, aliás, aos professores, pois muitos vêm ainda do exterior.

Assim, no relativo aos «numerus clausus» e na Escola Superior de Educação, «eles são de 75 para educadores de infância, professores primários, professores de Português, História e Ciências Sociais, Português/Francês, Matemática e Ciências da Natureza e Educação Física. Paralelamente, a escola tem a seu cargo a formação em exercício de 105 professores dispersos por todo o distrito».

«Relativamente à Escola Superior Agrária, actualmente só funcionam os cursos de Produção Agrícola, Produção Animal e Produção Florestal, esperando-se a introdução do curso de

Melhoramentos Rurais. Aqui já saíram formados os primeiros bacharéis (20)».

Entretanto, e porque a área geográfica a abranger é significativa, os responsáveis pelo Instituto Politécnico estão a enviaar esforços no sentido de dinamizarem a extinta Escola do Magistério Primário do Fundão, tentando criar ali um pólo da ESE.

Ligação à comunidade é uma realidade

Característica própria das Escolas Superiores Agrárias é o facto de ali a ligação à comunidade ser superior à verificada nos demais centros de Ensino Superior existentes no País. E essa conjugação de esforços traduz-se em última análise numa geração de receitas, que integram os seus orçamentos.

Em Castelo Branco tal acontece igualmente, mas a rentabilidade económica da exploração agrícola está comprometida, na opinião do professor Virgílio de Andrade, pelos investimentos «improdutivos» que é preciso fazer.

«A Escola de Évora é um caso ímpar no País, com propriedade de milhares de hectares. Aqui a área é muito limitada e destina-se predominantemente à investigação. E será difícil alargar muito a área da exploração.»

«É claro que tentamos conciliar as duas coisas, mas é muito difícil. Ainda assim por vezes somos obrigados a fazer receitas, recorrendo até, e por exemplo, à venda de animais com o peso insuficiente.»

Importante é, igualmente, a colocação dos técnicos formados pela escola e na prestação de serviços aos agricultores e empresas da zona.

«Ao nível da colocação dos profissionais, ainda não temos dados concretos, embora estejamos bastante atentos ao problema, porque também nos cabe ajudar nesse capítulo. Quanto à ligação com os produtores e industriais da zona, temos os laboratórios de solos e de alimentação animal, que prestam serviços aos agricultores; e temos desenvolvido acções de divulgação, como publicações, acções de formação (nomeadamente uma, em colaboração com a Ovibeira, sobre a criação de ovinos) e, claro, colaboramos em todas as sessões de trabalho. Temos ainda um protocolo com a Direcção Regional da Beira Interior e somos sócios de importantes acções de produtores agrícolas. Finalmente, todos os projectos de investigação dos nossos docentes têm que

tentar dar resposta a necessidades locais».

Novos projectos já na forja

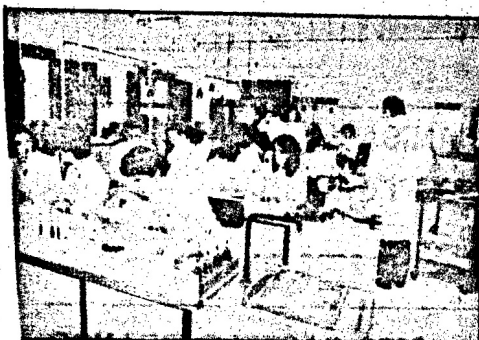
Finalmente, quanto a projectos de futuro, eles são vastos e ambiciosos. E passam não só pela criação de melhores infra-estruturas como até, e porque não, pela inclusão de outros estabelecimentos de ensino no Instituto Politécnico:

«Temos aqui alunos vindos de todo o país, o que acarreta

problemas de alojamento e alimentação. Ainda não temos Serviços Sociais (os institutos politécnicos não são por eles abrangidos), mas contamos com a promessa de ajuda camarária para a construção de um lar para os alunos (com um subsídio de 35 mil contos da Guibentien). Ao mesmo tempo, e porque tivemos um reforço de verba, vamos abrir a cantina da Escola Superior de Educação.»

«Quanto à inclusão de novas escolas, já foram feitas algumas

«démarches» nesse sentido, impõe-se a criação de uma escola de Tecnologia e Gestão e dever-se-á transformar o Conservatório numa escola superior, à semelhança do que acontece em Lisboa e no Porto» — concluiu o professor Virgílio de Andrade.



Desenv. Regional

Diário

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31